



**Circulação e enunciação: (dis) concordâncias sobre
normas de participação¹**

**Circulation and enunciation: (dis) concordances about norms
of participation**

Viviane Borelli²

Resumo: O artigo resulta de uma das etapas da pesquisa “A circulação discursiva no contexto de mediatização da sociedade”, que problematiza a emergência da circulação no contexto de uma sociedade em processo de mediatização. Nesse momento, direciona-se o olhar para enunciações produzidas por atores sociais inscritos no espaço aberto por distintas mídias para comentários e que versam sobre o *status* da participação e o funcionamento desse *locus*. As estratégias discursivas produzidas pelos participantes desse ambiente denotam que distintas complexidades perpassam as relações entre produção e reconhecimento. Mesmo que existam normas e protocolos para comentar matérias, os participantes questionam as regras e os critérios para postagem e, ainda, realizam regulações próprias dizendo ao outro o que pode e o que deve ser dito nesse espaço.

Palavras-chave: Circulação; Discurso; Enunciação; Participação.

Abstract: The article results from one of the stages of the research entitled "Discursive circulation in the context of mediatization of society", which problematizes the

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 9 de maio de 2019.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. E-mail: borelliviviane@gmail.com.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

emergence of circulation in the context of a society in process of mediatization. At this moment, we focus on statements produced by social actors inscribed in the space opened by different media for comments and that deal with the status of participation and the functioning of this locus. The discursive strategies produced by the participants of this environment denote that different complexities permeate the relations between production and recognition. Even that there are rules and protocols for commenting on subjects, participants question the rules and criteria for posting and also make their own regulations telling the others what can and should be said in that space.

Key-words: Circulation; Discourse; Enunciation; Participation;

A emergência de uma problemática

As mídias têm passado por mutações em suas práticas discursivas nos últimos anos em função de vários fatores, como o desenvolvimento tecnológico, as pressões do mercado e o crescente protagonismo da circulação. Em pesquisas anteriores acerca da reconfiguração de práticas jornalísticas em função do processo de mediatização da sociedade, foram identificadas pistas de que há distintas demandas para a abertura de espaços para participação. Esses fatores podem ser mais estruturais e contextuais - em função do processo de mediatização da sociedade e do protagonismo dos sujeitos - ou mesmo de caráter mercadológico, já que é preciso enunciar que o outro é ouvido e que faz parte do dispositivo de enunciação. Observa-se que o fato de as mídias estarem abertas para a participação implica na garantia de proximidade convertida em cliques, possível engajamento e também em índices e dados para serem mostrados a anunciantes e futuros investidores.

Nessa processualidade de abertura do sistema midiático para o que vêm de fora há, também, consequências do ponto de vista ético, pois não há garantias de que os



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

conteúdos ali publicados representem bom senso e civilidade. Também não implicam em, necessariamente, mais qualidade, seja para as mídias ou para o debate de temas de relevância pública que pudessem representar avanço na discussão de problemas sociais. Basta um rápido olhar para o espaço dos comentários para perceber que muito do que é dito ali não agrega informações ao que está sendo discutido e nem tem implicações substanciais para o desenvolvimento da sociedade.

Ainda que as mídias enunciem que os comentários publicados não representam a opinião da empresa, mas apenas de quem o produz, elas acabam tendo seu nome vinculados a comentários de conteúdo preconceituoso, desrespeitoso, homofóbico, racista ou misógino. Ou seja, ao comentar, o participante acabando integrando o dispositivo de enunciação midiático e este passa a carregar marcas discursivas que não estão de acordo com sua política editorial.

O fato de as mídias possibilitarem a inclusão de enunciados à oferta discursiva proposta pelo dispositivo de enunciação (Verón, 2004, 2013) pode implicar em acoplamentos e interpenetrações (Luhmann, 2005, 2009), mas também irritação ao próprio funcionamento do sistema midiático. Exemplo disso são movimentos para bloquear a participação do sistema leitores, como Aljazeera (aljazeera.com) e The Guardian (theguardian.com/uk), que desde o ano passado fecham alguns canais de participação. A interrupção da participação após um determinado número de comentários ou tempo de publicação também remete a irritações, como ocorre em Globo.com ou no portal G1³ (g1.globo.com) em algumas matérias mais polêmicas ou como procedeu o The Intercept Brasil (theintercept.com/brasil/), que após publicar, em

³ Em globo.com há perguntas e respostas em relação ao tema “comentários”, em que é explicitado que o espaço fica aberto por 48 horas, mas que pode ser bloqueado o acesso antes desse período se forem observadas violações do termo de uso publicado pela empresa. Disponível em: <http://centraldeajuda.globo.com/Produtos/Comentarios/>. Consulta em 12 de julho de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

9 de junho de 2019, uma série de reportagens investigativas que colocam em xeque os procedimentos de autoridades que atuaram e atuam na força tarefa da Lava Jato, fecha alguns espaços para comentar matérias, em 23 de junho de 2019⁴. Outro caso que pode ser interpretado como de irritação no sentido Luhmanniano foi o anúncio da Folha de S.Paulo de não disponibilizar mais conteúdo no Facebook, a partir de 8 de abril de 2018⁵. Foi uma resposta à política editorial da rede social – que passou a priorizar postagens de amigos/familiares ao invés de páginas de conteúdo informativo e uma defesa, segundo o jornal, ao jornalismo profissional.

Em pesquisas anteriores sobre os processos interacionais entre jornais e leitores, constatou-se que as mídias ainda tentam controlar o processo produtivo – num modelo comunicacional linear de transmissão de informação de um emissor para um receptor, fazendo projeções de quem são seus leitores⁶. Entretanto, observou-se que os discursos produzidos nesse ambiente interacional acabam seguindo rumos não previstos: notícias postadas pelos jornais são compartilhadas e comentadas por leitores em temporalidades múltiplas e em distintas redes sociais numa ampla cadeia significativa.

Estamos diante de uma era de incertezas, em que os quadros de sentido - outrora construídos pelas mídias como uma moldura mais linear e causal aos seus enunciados - cada vez mais tomam forma por meio de processos de enunciação atravessados por

⁴ A série de reportagens conhecida como #vazajato apresenta diálogos em chats privados que lançam dúvidas do ponto de vista ético e jurídico sobre a operação Lava Jato, as ações do procurador Deltan Dallagnol, do então juiz e atual ministro da Justiça Sérgio Moro, e de outras autoridades. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/?comments=1#comments> Consulta em 12 de julho de 2019.

⁵ Notícia completa em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/fohla-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>. Pesquisa em 30 de abril de 2019.

⁶ Esse leitor projetado e idealizado remete ao conceito de leitor modelo de Umberto Eco, quando problematizava em *Lector In Fabula* (1979) a projeção por parte do autor do texto de quem é esse outro que vai ler e interpretar o texto.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

injunções de distintos enunciadores. Nesse contexto, emerge, de forma acelerada, a circulação, onde há zonas de contato, de interpenetrações e enunciações de múltiplas ordens e provenientes de sistemas diferentes, como problematiza Fausto Neto (2010, 2012, 2013, 2016).

Como defende Braga (2011, 2017), num contexto produtivo de fluxos a diante, as redes sociais se converteram num estímulo à conversação dos participantes desse ambiente, em que é difícil estabelecer um ponto de partida, já que todo episódio comunicacional pode dar início a outro e assim sucessivamente. A postagem de uma notícia por parte das mídias até pode ser um elemento acionador para que os comentadores possam entrar em cena e passar a produzir suas enunciações. Entretanto, esses movimentos enunciativos desencadeiam distintos processos interacionais, seja nesse locus específico ou em outros lugares, visto que os participantes estão inscritos em múltiplos ambientes.

A partir da constatação de que vivemos numa sociedade em processo de midiatização (VERÓN, 1997; FAUSTO NETO, 2013, 2016), pretende-se dar seguimento a pesquisas anteriores em que se reflete sobre a emergência da circulação que redesenha as relações entre produção e recepção. Compreende-se o espaço aberto para comentários como decorrência da crescente complexidade dos dispositivos de enunciação, que são construídos em função de fluxos discursivos produzidos em movimentos contínuos.

Nesse contexto, após identificação de pegadas deixadas e capturadas pelas observações anteriores, objetiva-se mapear e identificar enunciados publicados no espaço aberto a comentários e que apontem para negociações, concordâncias ou divergências quanto às normas estipuladas para participação e o funcionamento desse locus singular. Assim como em pesquisas anteriores, são eleitos fragmentos discursivos capturados de distintos ambientes interacionais e que nos dão índices sobre o funcionamento desse locus complexo em que as relações, trocas e interações acontecem



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

em fluxos dinâmicos. Trata-se, portanto, de pesquisa qualitativa que analisa algumas marcas discursivas produzidas pelos sujeitos que estão inscritos nesse ambiente interacional.

Circulação e a (dis) concordância de sentidos

A complexidade que atravessa as relações entre produção e recepção tem sido objeto de investigação por muitos pesquisadores da área de comunicação. Nesse contexto, Verón (2006) concebia que há mais de uma década os estudos sobre os meios se encontravam aparentemente em uma situação confusa em função dos ajustes realizados pelas pesquisas sobre o fenômeno da recepção a partir dos anos 80 do século passado. “Estudamos precisamente a recepção de quem para quem? Podemos continuar falando de receptor, público, audiências, como foi feito durante anos?” (VERÓN, 2006, p. 2).

Num contexto de mediação da sociedade, compreende-se que não é mais possível olhar para os movimentos interacionais como se eles ocorressem de forma linear, visto que atores individuais organizam-se em coletivos e convertem-se em atores sociais, como problematizam Verón e Boutaud (2007) e Verón (1997, 2004, 2013). As interações entre as mídias e seus públicos⁷ perpassam processualidades tanto da produção, quanto da circulação e do reconhecimento, em que essas instâncias têm suas fronteiras sombreadas em função dos acoplamentos.

⁷ Não é intenção nesse momento discutir o estatuto epistemológico do conceito de públicos. Utilizamos a expressão para designar os distintos coletivos (atores individuais convertidos em atores sociais, como problematiza Verón, 1997, 2004; 2013 e Verón e Boutaud, 2007) que estão em relação com as mídias, sejam eles comentaristas, leitores, seguidores, curtidores, anunciantes. Enfim, considera-se que todos inscritos no espaço aberto a comentários são participantes desse ambiente.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para Antonio Fausto Neto, o processo de midiatização gera novas relações de ordem técnica e discursiva, formando “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2010), “zonas de pregnâncias” (FAUSTO NETO, 2013), que reorganizam e reformulam estruturalmente as lógicas de contato entre produção e reconhecimento, havendo convergências e divergências (FAUSTO NETO, 2016).

Nesse contexto de divergências de sentidos produzidos, recorda-se que Verón (2008, p.149) problematiza a complexidade e não linearidade da comunicação. “Não linear quer dizer que a circulação comporta bifurcações e que, por consequência, a circulação da comunicação é um processo que está afastado do equilíbrio”. O autor afirma que maior difusão representa mais complexidade e recorda que diferentemente do que pressupunham os frankfurtianos – de que com o desenvolvimento tecnológico e a proliferação de mídias a sociedade seria mais homogênea -, há cada vez mais complexidades. Cada leitor produz sentidos próprios a partir de suas experiências com as mídias, pois como problematiza Verón (2004, 2008, 2013), sempre haverá dissonâncias e desajustes entre produção e reconhecimento, por isso a necessidade de estudar a circulação discursiva.

O universo do sentido é complexo e a discussão em torno dele está registrada em obras produzidas por várias gerações de linguistas, semiólogos e comunicólogos. Como afirma Verón (2004, p. 216), todo discurso desenha “um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito”. Para o autor, não há nada de causalidade no universo do sentido, pois as relações entre produção e reconhecimento são complexas. A noção de circulação, para Verón (2004, p. 54), “designa o modo como o trabalho social de investimento de sentido nas matérias significantes se transforma no tempo”.

Trata-se de um processo de semiose infinita, como problematizaram os teóricos Charles Sanders Peirce, Umberto Eco e Eliseo Verón, em que uma matéria significativa acaba sendo referente para outra e assim por diante, ilimitadamente. O fenômeno da semiose infinita reafirma o fato de que a enunciação não ocorre de forma linear, pois há



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ressignificações, conexões mais amplas e difusas, e que no universo dos sentidos não há causalidades, mas complexidade (Verón, 2004, 2013).

Diante dessas complexidades geradas pelas produções de sentido em fluxo contínuo, concorda-se com Braga (2008), quando afirma que a comunicação é uma disciplina indiciária e que devemos identificar questões emergentes que possam ser melhor problematizadas a partir de movimentos de observação. A pesquisa em desenvolvimento é de cunho qualitativo, sabendo-se das limitações a que chegam nossas inferências e que, num momento futuro, pode-se utilizar de ferramentas técnicas, como o *software Nvivo* para coleta de dados de forma quantitativa.

A observação dos espaços abertos para comentários em distintas mídias desenvolve-se, desde 2014, de forma continuada. Desde então, tem-se coletado esses fragmentos discursivos (VERÓN, 2004, 2013) em temporalidades e espacialidades singulares. Os critérios para coleta não são demarcadas por editoriais ou temas específicos, nem por coberturas especiais, pois orienta-se para questões relativas ao funcionamento desse locus. Dessa forma, num primeiro momento, faz-se uma leitura flutuante de comentários produzidos acerca de notícias muito diversas para num segundo momento, extrair algumas postagens que apontem para lógicas dessas atividades enunciativas. Foram realizadas coletas em distintas temporalidades nos espaços abertos para comentários (seja nos sites ou nas páginas do Facebook) das seguintes mídias portuguesas: Público, Diário de Notícias, Correio da Manhã e brasileiras: Folha de S.Paulo, G1, O Globo, O Estadão, The Intercept Brasil, BBC Brasil, El País, Zero Hora⁸.

⁸ A observação foi realizada nesse universo maior de espaços para comentários, mas para essa pesquisa, não serão, necessariamente, analisados todos, visto que a delimitação da abordagem proposta implica em seleção dos materiais. Também é preciso dizer que alguns comentários coletados podem ter sido apagados



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Para essa análise específica, foram eleitos fragmentos discursivos (VERÓN, 2004, 2013) enunciados por distintos participantes em espaços abertos para participação em mídias e que foram selecionados, portanto, a partir de movimentos observacionais e exploratórios. Compreende-se que essas matérias significantes são textos, segundo perspectiva de Verón (2004, 2013), pois são extraídas de um locus singular para tornarem-se insumo para o analista poder trabalhar sobre a atividade enunciativa.

Como foi dito, objetiva-se identificar distintas estratégias discursivas produzidas pelos participantes desse espaço interacional para tratarem da aprovação e da discordância em relação à regulação e às normas de participação. Também são identificadas marcas discursivas que apontem para questionamentos sobre o funcionamento e a gestão desse ambiente, bem como enunciados que apontem para desaprovação ao que avaliam poder ser permitido dizer nesse dispositivo de enunciação.

Concorda-se com Braga (2017) quando afirma que os sujeitos envolvidos nos processos interacionais acabam desenvolvendo ações mais ou menos reiteradas de conexões. Ao longo das observações realizadas, notou-se certa recorrência em algumas práticas interacionais: comentários acerca do tópico temático proposto pela mídia e que se desenvolve por meio de trocas, cooperação e conversa (RODRIGUES, 2001); enunciados que não possuem relação alguma com o tópico temático proposto e que remetem à polarização política, incivilidade e intolerância; postagens fora do contexto proposto e que visa divulgar algum serviço, disseminar correntes, campanhas, etc; comentários que ressaltam o projeto editorial da mídia, que questionam o que é notícia, que avaliam ser ou não notícia; além daqueles que são objeto nesse artigo e que dizem

depois de algum tempo (seja pelo próprio comentador ou pelo sistema que faz a regulação), por isso optou-se por não informar os links, já que nem todos permanecem funcionando no momento da publicação desse artigo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

respeito ao questionamento do funcionamento desse locus e as normas de participação: as regras, o estatuto dos comentadores e o que pode e deve ser dito.

Compreende-se que no momento em que os sujeitos enunciadore se inscrevem num espaço aberto à participação do sistema midiático, passam a integrar o dispositivo de enunciação (VERÓN, 2004, 2013). Ou seja, todos que se inscrevem nesse ambiente atestam que vão seguir as regras delimitadas – seja por protocolos de participação específicos das redes sociais – como Facebook ou Twitter - ou do sistema midiático: jornais, revistas, canais de televisão, rádio, blogs, etc.

Em pesquisas anteriores, foram analisados fragmentos discursivos de regras, normas e condições de uso e de acesso propostas por distintas mídias, bem como foram entrevistados editores de jornais brasileiros sobre o funcionamento desses protocolos e termos para compreender como funciona esse dispositivo de enunciação e esse mecanismo disciplinar. Ao analisar termos e condições de uso publicadas pelas mídias, observou-se que são instituídas regras que os públicos possam se inserir nesse locus singular, bem como são explicitadas penalidades para o caso de possível descumprimento dessas normas (BORELLI, 2016).

Nesse momento, não serão analisados os termos, visto que essa atividade já foi feita em pesquisa anterior. Porém, de forma sintética, há alguns procedimentos comuns que aqui são relatados a partir de observação e de testes empíricos: é necessário preencher um cadastro antes de publicar qualquer comentário; alguns comentários são postados e, depois, apagados (regulação a posteriori); alguns comentários feitos não chegam a ser publicados (regulação a priori). A participação no espaço para



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

comentários é disciplinada, vigiada e organizada de modo que haja algum tipo de regulação, seja a priori ou posteriori⁹.

Entretanto, há movimentos de mão dupla, visto que se há regras impostas para vigiar e controlar a participação, há também estratégias e modos de burlar tais normas. Nesse momento da pesquisa, portanto, o olhar é direcionado para as marcas discursivas deixadas pela circulação nesse locus regulado e controlado, mas que essa disciplinarização não impede que sejam produzidas enunciações acerca do descontentamento e questionamento dessas normas, bem como da discordância do que é dito pelo outro nesse espaço. Por questões de espaço, não será possível fazer uma análise mais aprofundada sobre o que dizem os protocolos de participação e o que os participantes dizem acerca delas. Porém, serão descritas marcas discursivas que apontem para o que é dito e como são enunciadas os desacordos em relação à regulação.

Compreende-se que há distintas estratégias discursivas em reconhecimento, pois concorda-se com Verón e Boutaud (2007) e Verón (2004, 2013) quando problematizam que uma mesma gramática de produção gera ‘N’ gramáticas de reconhecimento. Ou seja, um mesmo protocolo de participação pressupõe interpretações distintas por parte daqueles inscritos nesse espaço. Como já explicitado, Fausto Neto (2016) também problematiza que a convergência tecnológica remete a mais divergências em termos de sentidos produzidos.

⁹ Há um caso distinto que merece ser referido, o do período Português, Público. O jornal português Público, por exemplo, possui uma mecânica discursiva singular no espaço de comentários, visto que os comentaristas possuem status e categorias de participação de acordo com sua participação, pois a gestão dos comentários é realizada a partir de uma equipe formada por jornalistas e leitores.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Algumas marcas discursivas da atividade circulatória

Ao analisar o teor dos comentários¹⁰ que remetem à interrogação das regras para a participação, seja a regulação ou as sanções para quem não as cumpre, nota-se algumas recorrências que convertem-se em estratégias discursivas para demarcar pontos de vistas específicos sobre esse locus. Um primeiro grupo de marcas discursivas aponta ao questionamento da não publicação de seus comentários, mas sem especificar o teor do conteúdo postado: **“Fiz um comentário e não aparece porquê?”** (FD1, Diário de Notícias, Portugal, 4 janeiro de 2016); **“O G1 não está publicando os meus comentários!!”** (FD 2, G1, Brasil, 24 abril de 2019).

Entretanto, outra forma de questionar a regulação é fazer uma avaliação do tipo de comentário realizado, argumentando sobre o que foi dito e comparando com outros enunciados, seja para legitimar o que diz ou para deslegitimar o que o outro postou: **“Fiz um comentário sensato, serio, honesto e uma boa pergunta, ai o G1 apagou, mas o comentário do Luiz Gonzales ela deixou, gosta de ver o circo pegar fogo né G1??”** (FD 3, G1, Brasil, 26 abril de 2019). A conversação em torno da regulação a posteriori segue entre comentadores através de argumentos que visam convencer quem está nesse espaço de que o dito era legítimo e que merecia ser publicado: **“É verdade. Meu comentário também sumiu sem eu dizer um palavrão, só porque critiquei de forma humorada a pesquisa e a reportagem”** (FD 4, G1, Brasil, 26 abril de 2019).

¹⁰ Optamos por mencionar o comentário no corpo do texto, preserva-se a escrita original mesmo que tenha erros ortográficos, e não menciona-se a identidade dos enunciadores. Os fragmentos discursivos são numerados como FD1, FD2 e assim por diante.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Os participantes elaboram justificativas próprias para buscarem explicações para a não postagem de seus comentários. Uma possível causa apontada é a censura: “**Censura global - funciona mesmo. Você posta e seu comentário desaparece ...**” (FD 5, G1, Brasil, 26 abril de 2019). No ambiente da circulação, a censura pode ser uma atitude por parte da mídia que controla esse espaço ou mesmo do comentador, já que este possui liberdade para apagar o enunciado em momento posterior. A dúvida sobre a origem da regulação é explicitada: “Porque è que o comentario de Antonio Gomes foi apagado? Terà sido o pròprio ou terà sido **algum tipo de censura...?** Agora fiquei intrigado...” (FD 6, Público, 21 de setembro de 2015).

Mesmo que haja protocolos a serem seguidos para que se inscreva nesse locus, alguns participantes enunciam sua discordância ou não compreensão pela não publicação com a explicação de que se trata de censura. Entretanto, de outro lado, participantes assinalam que as regras não são seguidas e demandam por uma regulação por parte do sistema midiático a posteriori: “**Seria interessante as autoridades competentes darem uma vista de olhos a estes comentários**” (FD 7, Público, Portugal, 19 outubro de 15). Ao pressuporem que o espaço é regulado, já que, como dito, há normas específicas para inscrição nessa zona de contato, alguns comentadores demandam por mais controle.

Se há alguma irritação (LUHMANN, 2005, 2009) que possa desestruturar o funcionamento desse sistema, os participantes utilizam estratégias próprias para gerir o que pode ser dito nesse espaço. Nas observações realizadas, notamos comentários recorrentes em relação à intenção de fazer o outro silenciar e também de dizer o que deve ser dito, como esses dois conjuntos de conversações entre comentadores da página do jornal Correio da Manhã, de Portugal, no Facebook. Como os participantes referem-se uns aos outros pelo nome cadastrado e que revela identidade, vamos omitir os nomes e utilizar ator1, 2, 3, para preservar a identidade dos enunciadorees. Nesses discursos, notamos estratégia discursiva que remete à intenção de fazer o outro silenciar: ator 1



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

fala: “**Já te calavas** não (nome ator2)”; ator 2: “**calava me porque ?!**”; ator3: “(nome ator 2), penso que **não vale a pena discutir** com crentes”; ator 2: “**Sim vou me retirar deste “debate”**” (FD 8, 4 de agosto de 2015). Nesse segundo conjunto de fragmentos discursivos, também ocorre estratégia discursiva semelhante entre os enunciadores que solicitam ao outro que se cale: ator1: “Senhora (nome) **era melhor estar calada**” (...); ator 2: “Que ignorância tem essa sra (nome) a **sra esteja calada** não sabe mesmo o que está a dizer”; ator 3: “Olha a gaja teve um pingo de vergonha na cara e **apagou os comments...** (FD 9, 3 de agosto de 2015).

Não dar ao outro o direito de fala é um tipo de regulação assumida pelos próprios participantes que acabam explicitando o que consideram legítimo para ser dito pelo nesse espaço. O *status* de gestão e controle é assumido pelos comentadores ao pedirem ao outro que se cale e que não manifeste sua opinião da forma expressada, mas que silencie. Há os que pedem para que o outro se retire desse lugar e, ainda, sugere um espaço para onde deve ir: “A Folha não é um panfleto ideológico, senhor, e ela mostra os fatos como eles são. Quer ler panfletagem? **Vai ler o Antagonista. Lá o senhor se sentirá em casa**” (FD 10, Site da Folha de S.Paulo, dia 23 de abril de 2019).

Entretanto, ainda que alguns peçam o silenciamento do outro em função do que diz, há aqueles que questionam as fontes oficiais e clamam pela participação por meio da exposição de elaborações próprias. “Pra você ver como esse mundo tá chato... Cheio de críticos meia boca vomitando bobagens sobre o que é ou não careta **como se as quase 8 bilhões de pessoas no mundo não tivessem opinião própria**” (FD 11, G1, Brasil, 26 de abril de 2019).

O espaço aberto para comentários é, pela própria natureza da atividade circulatória, um lugar de enunciação de trocas, de discussão, de diferenças e divergências. A tensão é também constitutiva da relação entre os participantes – sejam as mídias ou os enunciadores que ali deixam suas opiniões.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Uma problemática em curso

Como foi referido no início do texto, essa reflexão integra um dos movimentos de pesquisa em desenvolvimento e que trata da complexidade da circulação discursiva no contexto de mediação da sociedade. A emergência da circulação coloca por terra a relação clássica e linear entre produção e recepção e nos desafia a olhar para um ambiente midiático distinto daquele no qual o campo da Comunicação foi sedimentado: em torno de dois polos tão distintos quanto distantes.

Os próximos passos da pesquisa direcionarão o olhar para outros aspectos que fazem parte do funcionamento do espaço aberto a comentários e que já integram os movimentos de observação desenvolvidos ao longo de cinco anos. As lógicas interacionais serão o foco do próximo passo para que seja possível discutir em que medida nesse locus ocorrem conversações, trocas e interlocuções que são reguladas por meio de normas e convenções sociais.

Para isso, recorre-se a Rodrigues (2001, 2015) que se debruça sobre o conceito de conversa, compreendendo-a de uma forma que abrange todas as práticas interativas do discurso e que essa prática é regulada, possuindo normas e procedimentos que regulam a experiência social. Para ele, a conversa seria um meio de se constituir vínculos sociais e de produção da sociabilidade e por esses motivos a análise conversacional deve ter um lugar importante na abordagem da prática discursiva.

Outro olhar parte da observação de que a grande maioria dos termos de uso publicados pelas mídias ressalta que não aprova nenhuma forma de discriminação, entretanto a regulação do espaço não consegue coibir enunciados que remetem à incivilidade. Desse modo, mesmo que as mídias explicitem que há regras de civilidade para publicar comentários, muito do que é postado possui teor racista, misógino, preconceituoso, etc. Não há, portanto, garantias de que o que é dito seja, efetivamente, cumprido, pois ainda que enuncie que devem ser respeitadas as normas de convivência



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

geral, o sistema midiático não consegue dar conta de gerir esses processos, deixando a deriva e fazendo com que os participantes o façam a sua maneira.

Nesse sentido, a intenção é aproveitar a temática do evento para problematizar como as práticas discursivas desenvolvidas nesse locus constituem-se num ambiente no qual a polaridade, a intolerância e a incivildade reinam. Nota-se que a despeito da regulação midiática e da proposta de que esse ambiente pode ser um lugar de conversação e de trocas, o que se observa, de forma geral, são muitas divergências. Tais interpretações singulares são geradas porque se trata de interpretações distintas ao que é dito, já que em reconhecimento há múltiplas gramáticas. Entretanto, há enunciações que nos fazem questionar se efetivamente vivemos numa sociedade democrática onde a civilidade e o exercício da cidadania deveriam pautar as relações interacionais entre os atores sociais.

Referências bibliográficas

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes** (USP. Impresso), v. 1, n, 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/download/46/28. Consulta em mar. de 2016.

_____. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: Editora La Crujia, 2011.

_____. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina (org.). **Matrizes Interacionais: A Comunicação Constrói a Sociedade**, vol.2. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação... Rio de Janeiro, Puc Rio. **Revista ALCEU** - v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf Consulta em 20 dez. 18.

_____. Narratividades Jornalísticas no ambiente da circulação. In: PICCININ, F.; SOSTER, D. A. (Org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. p. 45-67.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: GOMES, P. G.; BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. (Org.). **Dez perguntas para a**



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

- produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- _____. Da convergência/divergência à interpenetração. In: MIÉGE, Bernard et al. **Operações de mediação:** das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS UFSM, 2016.
- LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. **Introdução à Teoria dos Sistemas.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **A partitura invisível:** para uma abordagem interactiva da linguagem. Lisboa: Edições Colibri, 2001.
- _____. **Princípios reguladores da experiência e da sociabilidade:** regras, normas e constrangimentos. In: Sàãgua, João e Cádima, F. Rui. Comunicação e Linguagem: novas convergências – livro de homenagem ao Prof. Adriano Duarte Rodrigues. P. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade de Lisboa, 2015. P. 405-424.
- VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediación. Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, 1997.
- _____. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2004.
- _____. Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento. In: ABRANTES, José Carlos; DAYAN, Daniel. **Televisão:** das audiências aos públicos. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. p. 113-126.
- _____. Do contrato de leitura às mutações na comunicação. MELO, A. L. M.; GOBBI, M. C.; HEBERLÊ, A. L. O. (orgs). **A diáspora comunicacional que se fez Escola Latino-Americana:** as idéias de Eliseo Verón. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Methodista; Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 147-152.
- _____. **La Semiosis Social 2:** Ideas, momentos, interpretantes. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.
- VERÓN, Eliseo. BOUTAUD, Jean-Jacques. Del sujeto a los actores. La semiótica abierta las interfaces. In: Semiotique ouverte. Itinéraires semiotiques em communication. Paris, Lavoisier, **Hermés Science**, 2007.